

Saber-fazer

Este congresso expressa em sua convocação uma preocupação com o estado atual e a competência da psicanálise. Ele também convida a abrir um debate sobre a ética que orienta nossa prática de acordo com a subjetividade da época.

O assunto não pode ser pensado fora do espaço cultural em que habita. Este é o momento do declínio dos modelos que interrogam a causa, segundo Jameson ou, como se pode ler na escrita do discurso capitalista formalizado por Lacan, dominado pela ilusão da obturar a falta através do consumo em um sujeito que rejeita o S1 e como consequência se distancia da determinação inconsciente. As demandas de análise são formuladas de diferentes maneiras, de acordo com ideais dominantes que mudam, assim como as formas de mal-estar. Estes são também tempos de nostalgia dos psicanalistas por um passado em que muitos analistas se deitavam no sofá quatro vezes por semana, sedentos por conhecer a si mesmos e de passar por uma interessante experiência subjetiva.

Agora, que a abertura produzida pela descoberta do inconsciente sobre o tratamento psíquico permaneça válida, não depende apenas das características do tempo. Se a psicanálise questiona a posição da bela alma que evita seu próprio envolvimento naquilo que ela critica, então perguntemo-nos o que nós psicanalistas temos a ver com as queixas sobre a legitimidade de nossa prática, dado que a psicanálise não tem futuro assegurado nem por seu prestígio nem por seus belos olhos. Em vez disso, a eficácia de sempre e a continuidade futura dependem da capacidade de lidar com o que não funciona. "A missão do analista é enfrentar o Real", afirma Lacan.

A *missão* não exige uma gestão esclarecida de pessoas ou grupos. Além da diversidade de demandas, é uma expressão que coloca o analista na experiência como tal, que se refere à sua função como uma tarefa para enfrentar aquilo que não funciona e tem o

Real como efeito de um significado *exigível*. *Missão* e *exigível* expressam com firmeza uma orientação quando se trata de pensar em nossa prática. *Missão* nos faz saber exatamente qual é a tarefa do analista e *exigível* soa como um requisito necessário para o efeito de sentido. Agora, tendo em mente que o Real exclui o sentido, qual pode ser o Real de um efeito de sentido? Este efeito consistirá em estreitá-lo "na condição de que seja da maneira correta, em estreitá-lo por um nó e não apenas por qualquer nó". É uma lógica borromeana que articula os três registros na medida em que o significado é transmitido por meio de palavras que não são nem sem curvaturas imaginárias nem sem um resto *ainda* a ser significado. Trata-se, portanto, de "saber como funcionam algumas palavras" que nos permite ler de uma maneira diferente, não tanto do discurso construído formosamente, mas, tomando a piada como modelo, o que produz a ressonância por equívoco. Também o *pas de sens*, a diferença entre palavra plena e palavra vazia, a distinção entre enunciado-enunciação e a tendência a um novo significante como um ponto que, por definição, nunca é alcançado, o horizonte ideal de algo sem sentido. Nos fatos, a dinâmica deste operativo é posta em jogo através de uma análise da pessoa que fala com experiências diretas ou indiretas, relata sonhos e ficções, conta o relatado ou escondido do passado infantil, às vezes sentido como se fossem de outra pessoa, as opiniões de personagens significativos que se tornaram o farol que orienta e marca o que é certo e o que é errado, as coisas do querer, a dor, a maternidade e paternidade, as ambições, o poder, a esperança... É um longo processo do dizer que convoca o analista a dosar a angústia, a ordenar os significantes do trauma, do romance familiar, da história da infância, das posições dos pais, das identificações, para delimitar o prazer. Este trabalho coloca em jogo a diversidade das intervenções do analista, incluindo a sugestão, assumindo que, como aponta Lacan, interpretação e sugestão são inerentes ao discurso. Como se buscasse uma certa cumplicidade entre analistas de todas as épocas, Freud costumava dizer já nos últimos anos de sua prática "todo analista sabe..." que intervimos de diferentes maneiras para sustentar o trabalho analítico e produzir efeitos na cura. Não há, portanto, uma única intervenção válida do analista.

Outra posição em relação à prática é aquela que degrada o simbólico a um mero jogo de palavras mais ou menos engenhosas e reserva a única intervenção do analista para sintonizar o tom sublime do Real. Os ideais teóricos e as relações transferenciais, especialmente na comunidade de analistas, de fato sustentam tal procedimento, mas infelizmente seu transbordamento também atinge aqueles que simplesmente exigem ser analisados por causa do que não está indo bem na vida e que não compreendem nem têm que compreender que seu analista espera uma demanda de análise "propriamente dita" nem têm que estar atentos para apontar diretamente para o osso do Real. Tentar conduzir a experiência analítica sem o suporte simbólico-imaginário necessário é uma pretensão que assume hierarquias no RSI e imagina, como se fosse possível, uma forma de pureza de acesso ao Real que acaba sendo externa ao sofrimento subjetivo daquele que exige uma análise.

Em um dos aforismos mais conhecidos de Lacan lemos: "é indispensável que o analista seja pelo menos dois, um para ter efeitos na cura e o outro para teorizá-los". Como as expressões *missão* e *exigível*, mencionadas acima, o termo *indispensável* também indica o que é necessário sustentar em uma prática que também inclui, é visto, elaborar conceitos e rever suas ferramentas, um termo que Freud utilizou para ilustrar o saber-fazer do analista. Em sintonia com esta tradição, a partir dos anos 70, Lacan abre uma porta já semiaberta para abordar o Real da clínica com um pragmatismo que se sobrepõe às suas reflexões sobre a experiência, em contraste com as abordagens mais uma vez complexas sobre o escopo da cura. Ele afirma, então, que a psicanálise não é progresso e define seu escopo como um viés prático para se sentir melhor. Esta não é uma afirmação menor, pois alude à singularidade de cada analista, seja o que for para cada um se sentir melhor, seja para trocar sofrimento neurótico por infelicidade comum, segundo Freud, ou para tornar esta situação desconfortável de ser um homem mais tolerável, de acordo com Lacan.

Cada momento cultural é adequado para buscar a eficácia de nossa prática. O ato de buscar limita, por definição, o incentivo para supor que a teoria psicanalítica seja um

regime selado. Das expressões "saber-fazer" e "saber-fazer com o sintoma" (*Savoir y faire, savoir faire avec le symptôme*), Lacan estabelece outro status do saber, diferente da acumulação de conhecimentos sobre si mesmo que se consegue em qualquer prática psicoterapêutica e psicanalítica. Entretanto, a importância do valor diferencial está no fato de que tal conhecimento "não deve servir apenas para evitar ser enganado novamente pela mesma história", tal conhecimento deve ser acompanhado, acrescenta Lacan, por um saber sair dele (*savoir en sortir*) ou mais precisamente por um saber introdutório, por um saber estar ali (*savoir y etre*). De acordo com os que sabem, todas estas são expressões coloquiais na língua francesa. *Savoir y faire* é usado quando se fala de alguém que tem uma certa astúcia no desempenho da vida e na realização de objetivos. Sugere ter a perspicácia de sobreviver em uma situação embaraçosa ou pelo menos uma sem solução óbvia. *Savoir y faire avec* tem mais o sentido de "se virar com o que há". Podemos pensar que *avec* apresenta o problema e, portanto, teremos que encontrar os elementos para enfrentá-lo, mesmo que não seja para resolvê-lo. A adição do "y" é a particularidade de um pronome que substitui um lugar ou uma coisa abstrata, uma ideia. Ele marca a singularidade entre o conhecimento e o ato, ali, a cada vez.

A psicanálise não produz um saber técnico sobre a sexualidade, nem produz um saber-fazer sobre o inconsciente, uma fraqueza mental que nos inclui a todos. Um pouco mais limitado, o objetivo da análise é saber-fazer com o sintoma, Lacan também usa o verbo *se débrouiller*, desvendar o emaranhado, que não acontece sem sacudir os cantos confortáveis da história com a qual nos iludimos. Que cada um "se vire" com o que tem, sem adquirir um método ou técnica que seja universal para todos, ou seja, "sem tomar a coisa em conceito". Afinal de contas, um conhecimento singular é o efeito de passar por uma análise.

Lacan afirmou que o Real é impossível de se pensar. Alain Badiou, que estava interessado no conceito, dizia a nós, psicanalistas de Buenos Aires, que a essência do Real consiste no fato de que ele não pode ser totalmente pensado, acrescentamos com

Lacan porque ele não deixa de ser escrito. Com recursos diferentes, muitas vezes sem encontrar, Lacan procurou até a obstinação mostrar e demonstrar essa impossibilidade, uma elaboração que nos permite de alguma forma imaginar, dar sentido ao Real, pelo menos no nível do conceito. Vale a pena esclarecer que através da própria análise é possível ter acesso à convicção do impossível e um plus na compreensão da teoria. A partir de sua posição declarada como analisante no Seminário, em tom íntimo Lacan disse que teve a confirmação do Real como o possível esperando ser escrito. Lemos algo de confiança pessoal nisso, uma convicção diferente da intelectual, mais próxima de um conhecimento em carne e osso que dá um vislumbre de sua singular convicção do impossível.

É um fato que o Real como o que não está indo bem como sofrimento individual e social em quaisquer de suas formas tem sido uma constante em todas as épocas e crises da humanidade. Diante desta história, ainda que a psicanálise fosse uma novidade, ela abriu a oportunidade de lidar com o desconforto psíquico, de se posicionar diante da castração, com o que existe e o que não existe, de saber-fazer com o sintoma. Lacan nunca deu uma opinião sobre o saber-fazer com o nó na prática, mas soltou o aviso de que não se trata de repetir desenhos, mas que basicamente eles devem ser úteis. É fácil deduzir os danos ao prestígio atual e à permanência da psicanálise no futuro, se ela não lidar com o mal-estar, o que não está indo bem na vida. Esta é uma condição necessária para que a experiência psicanalítica não seja reduzida a poucos.

Grupo de trabalho:

Beatriz Bernath, Jorge Golberg, Marina Di Carlo, Hugo Dvoskin, Gabriela Pedrotti, Alberto Fernández.